



opinião

Luís Pita Ameixa: “Os campos do Alentejo estão a ficar invadidos, pelas obras, primeiro, e pela água do Alqueva, depois. É isso que podemos ver, por todo o lado, dentro da zona de influência de Alqueva, que, em termos agrícolas, alcança cerca de 110 mil hectares”.

Palmas para Alqueva

Os campos do Alentejo estão a ficar invadidos, pelas obras, primeiro, e pela água do Alqueva, depois. É isso que podemos ver, por todo o lado, dentro da zona de influência de Alqueva, que, em termos agrícolas, alcança cerca de 110 mil hectares.

Alqueva fez-se e está a chegar aos campos muito mais depressa do que o inicialmente programado.

Em vez de demorar até ao ano 2025, ficará tudo concluído mais do que uma década antes!

Foi uma decisão estratégica esta para, para a nossa agricultura.

Também para o abastecimento de água à população.

A chegada da água de Alqueva ao Roxo, no concelho de Aljustrel, e ao Enxóe, no concelho de Serpa, dentro de semanas, são dois marcos históricos, com interesse para o desenvolvimento agrícola e para o abastecimento público.

Também importantíssimo é que tenha já sido estabelecido o preço a pagar pela água para a rega.

Quem vai investir deve saber com o que conta.

O preço que foi marcado tem em conta a necessidade de conquistar os agricultores para o regadio e facilitar os seus investimentos iniciais, por isso, como sublinha a empresa de Alqueva (EDIA), é o preço mais baixo da agricultura europeia,

portanto eminentemente competitivo.

De início, a água só vai ser cobrada a 30 por cento do valor, e depois irá ajustando, pouco a pouco, à razão de 10 por cento ao ano.

Mas há um outro aspecto muito importante: é que nesse preço já estão incluídas todas as taxas de conservação e beneficiação, bem como a taxa de recursos hídricos.

Os perímetros regados terão uma gestão participada, com os agricultores a terem uma voz activa e com a EDIA também a colaborar.

Esta empresa do Estado, bem como o Centro de Tecnologia do Regadio (COTR), dispõe também de moderno conhecimento, para difundir aos agricultores, acerca das melhores técnicas de irrigação e, além disso, foram feitos estudos dos solos que destrinçam a composição e as qualidades destes, podendo, a partir daí, optar-se pelas culturas mais apropriadas aos mesmos.

É claro que na nossa economia livre

cabe a cada empresário tomar as suas decisões autonomamente, mas, à partida, já sabe que conta com água acessível, informação disponível e também com apoios financeiros para equipar e modernizar as explorações agrícolas, como seja implantar um sistema de rega numa propriedade, por exemplo, para o que a nossa pertença à União Europeia é fundamental e aí está o programa Proder para tal, que vigora até 2013.

O Governo português, que tem feito o que devia fazer, e bem, em relação ao Alqueva, deverá, para o futuro, ter em mira que, após 2013, com a agricultura de Alqueva em pleno desenvolvimento, tem de conseguir a continuidade dos apoios financeiros agrícolas para a esta zona especial do nosso País.

Isto para continuar a merecer palmas pelo Alqueva. ▀



Maria da Graça Carvalho*: “Estou certa de que todas estas vertentes estão ao alcance do Instituto Politécnico de Beja, não fora um dos seus mentores, o professor Mariano Feio, o qual, como mencionou o professor António Parreira no discurso em sua homenagem, era da opinião de que ‘os docentes deveriam ter uma ligação efectiva ao meio empresarial, nomeadamente à actividade privada’”.

Nos 25 anos da ESAB

Estar em Beja, cidade onde nasci, para comemorar os 25 anos da sua Escola Superior Agrária, é um prazer especial. Enquanto ministra do Ensino Superior, Ciência e Inovação dos governos de Durão Barroso e de Santana Lopes, visitei o Instituto Politécnico de Beja, a que pertence a Escola Superior Agrária, uma vez em 2003 e duas vezes em 2004.

Hoje constato, com profunda emoção, a evolução que o Instituto Politécnico de Beja sofreu nos últimos anos e o impacto que a sua actividade tem tido na região, factos bem explicados nas intervenções do presidente do Politécnico de Beja, professor Vito José Jesus Carioca, e da presidente da Escola Agrária, Olga Amaral, na abertura da efeméride. É com projectos de ensino desta qualidade que se constrói o Portugal do futuro, um Portugal mais desenvolvido, mais coeso, mais justo e mais solidário.

Orgulho-me de ter contribuído para o desenvolvimento do Instituto Politécnico de Beja com a adopção de medidas importantes, como sejam: a criação da Escola de Saúde; a conclusão do edifício que ampliou da Escola Superior de Educação, o contrato de desenvolvimento num valor superior a 12 milhões de euros; a construção do edifício da Escola Superior de Tecnologia e Gestão; o projecto da 2.ª residência mista de estudantes com capacidade para 133 camas, no valor de cerca de dois milhões de euros; a autorização de vários cursos como por exemplo o curso de Artes Plásticas e Multimédia, Educação e Comunicação Multimédia, Educação Social e Protecção Civil. Todas estas iniciativas nasceram da convicção plena de que a consolidação da oferta formativa do Instituto Politécnico de Beja era crucial para o reforço do seu papel estratégico no desenvolvimento da região.

Aproveitei a minha intervenção, na cerimónia do dia 18 Junho, para recordar alguns desafios que o Instituto Politécnico de Beja, a par de todas as outras instituições de ensino superior do país, têm pela frente. Enquanto deputada ao Parlamento Europeu tenho responsabilidades de decisão política nas áreas do apoio à ciência, à educação, à juventude, à investigação e à inovação. E dentro do grupo parlamentar europeu do PSD sou responsável pela ligação de proximidade do Parlamento Europeu aos distritos de Beja, Évora, Faro e Portalegre. Isto coloca-me numa posição privilegiada para, por um lado, partilhar com as instituições do Alentejo a visão europeia sobre o futuro do ensino superior e, por outro, para ajudar estas instituições a melhor se integrarem nesta visão.

A Europa vive uma crise de competitividade e as instituições do ensino superior são a chave para sair dessa crise. Mas para poderem desempenhar esse papel têm de aprofundar vários aspectos, entre os quais saliento:

- a valorização e o apoio claro e explícito a todas as formas de mobilidade geográfica, entre instituições, e intersectorial, dos estudantes, dos docentes e, se possível, também dos funcionários;

- o reforço da sua visibilidade internacional, mediante parcerias com outras instituições de ensino, politécnicas e universitárias;

- a assumpção plena da sua autonomia tornando-se verdadeiros actores no quadro da economia global, res-

pondendo às exigências do mercado através do desenvolvimento de parcerias com empresas.

Estou certa de que todas estas vertentes estão ao alcance do Instituto Politécnico de Beja, não fora um dos seus mentores, o professor Mariano Feio, o qual, como mencionou o professor António Parreira no discurso em sua homenagem, era da opinião de que “os docentes deveriam ter uma ligação efectiva ao meio empresarial, nomeadamente à actividade privada. Sobretudo, não ministrar um ensino confinado às quatro paredes das salas de aula”. ▀

* Maria da Graça Carvalho é deputada ao Parlamento Europeu

Enquanto deputada ao Parlamento Europeu tenho responsabilidades de decisão política nas áreas do apoio à ciência, à educação, à juventude, à investigação e à inovação. E dentro do grupo parlamentar europeu do PSD sou responsável pela ligação de proximidade do Parlamento Europeu aos distritos de Beja, Évora, Faro e Portalegre.